

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

197

INSCRIÇÕES 722-726



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE PLACA EPIGRAFADO
DE SÃO MIGUEL DA MOTA (ALANDROAL)
DE INCERTA CRONOLOGIA

Fragmento, em jeito de cunha, de uma epígrafe de mármore cinzento de Trigaches, recolhida à superfície no topo do cabeço de São Miguel da Mota (Alandroal), conhecido pela presença do santuário de Endovélico, e da capela que lhe confere o topónimo.

Trata-se da parte direita de uma placa, de que se vê o final duma primeira linha e apenas brevíssimo trecho de uma ou de duas letras (não identificáveis) da segunda.

Dimensões: 10,3 x 7,7 x 2,7 cm.

Altura das letras: 39 mm

[...]FACE / [...] / [...] ?

No início, restam as duas barras de um **F** ou de um **E**; preferimos **F**, atendendo a que se segue uma vogal. Depois, **A**, grafado como se fora lambda (pode o travessão ter desaparecido na factura); **C** oblongo, de vértices acentuados por serifas; **E** esguio também e de barras igualmente assim acentuadas.

Gravação em bisel, com badame.

À primeira vista, a paleografia não se enquadra no que se conhece da época romana e também o conjunto FACE não

sugere palavra corrente na epigrafia latina. Por outro lado, se procurarmos um registo português, igualmente nada nos ocorre.

Damo-lo a conhecer, sobretudo devido ao contexto em que foi encontrado e porque, além de poder vir a aparecer fragmento que o complete total ou parcialmente, permitirá, desde já, reflexão por parte dos epigrafistas.

Não dispomos de elementos que sugiram uma datação.

RUI MATALOTO
CONCEIÇÃO ROQUE
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



EPIGRAFE FUNERÁRIA DE MEIMOA, PENAMACOR

A inscrição faz parte da colecção do Museu Dr. Mário Bento na Meimoa, concelho de Penamacor e foi por indicação de José Luís Cristóvão¹ que soubemos que ainda não estava publicada. Não apresenta número de inventário, apesar de existir uma ficha relativa à mesma, no museu.

Trata-se de um fragmento de epígrafe funerária, de granito escuro de grão médio a grosso, com inscrição latina, identificado em obras numa casa na Rua do Cemitério, na Meimoa. Segundo informação da ficha, foi recolhida por Artur Cruchinho e doada ao museu.

Tem contornos irregulares, faces muito erodidas e encontra-se truncada no canto inferior direito.

Dimensões: 45 x 30/25 x 20/17,5 cm.

Campo epigráfico: 40 x 30/25 cm.

D(is) (hedera) M(anibus) [?] / PA [?] TI [...] / VIN [...] / TIVS [...] / ⁵ XXIII (*tres et viginti*)

Consagrado aos deuses Manes. Pa.. Ti... .. de vinte e três (anos)...

¹ Arqueólogo da autarquia de Idanha-a-Nova e responsável pela exposição do Museu Dr. Mário Bento, a quem agradecemos a informação relativamente a esta inscrição.

Altura das letras: l. 1: 7 (*hedera* = 8); l. 2: 8/7,5; l. 3: 6,5 (M = 8,5); l. 4: 5,5; l. 5: 4 (I = 3,5). Espaços interlineares: l. 1: 1; 2: 2,5; 3: 2/1,5; 4: 2,5/2; 5: 1/0,5.

Paginação descuidada, apesar da pontuação com a graciosa *hedera distinguens* na l. 1; poderiam existir outros elementos de pontuação.

Caracteres actuários: I de travessão elevado; na l. 1, M com hastes oblíquas; na l. 3, N ou M (letra que levanta dúvidas).

A ausência de grande parte do texto bem como o mau estado de conservação não permitem uma boa leitura e compreensão do sentido da mensagem; o numeral na parte inferior, apesar de truncado, não apresenta dificuldade de leitura.

Trata-se de uma inscrição funerária, a que não podemos atribuir com segurança a tipologia, recordando alguém falecido com vinte e três anos.

Pela paleografia e presença da consagração aos *Manes* é, possivelmente, do século I d. C.

SARA FERRO



FRAGMENTO DE LADRILHO EPIGRAFADO

Fragmento de ladrilho de tom alaranjado, recolhido na Rua do Almocreve, em Alcácer do Sal (*Salacia, Conventus Pacensis*), durante trabalhos urbanos de renovação do saneamento básico, em 1999. Está depositado nas reservas do Museu Municipal Pedro Nunes, nessa cidade, com o nº de inventário 5751. O pouco espólio recolhido durante esta intervenção é composto por alguma cerâmica utilitária e de construção datada da época romana.

A face inferior do ladrilho é bastante irregular, de forma a facilitar o seu assentamento. As fracturas visíveis denunciam uma cozedura imperfeita. Pelo tipo de pasta poderá tratar-se de uma produção do Sado.

Apresenta um grafito, de caracteres gravados com estilete antes de ir ao forno. A largura do traço varia entre 0,5 cm e 1 cm, denotando a utilização de uma ponta romba.

Medidas máximas: 31 x 26,5 x 5 cm.

Lê-se:

NONVS / CLI (*centum quinquaginta unus*)

Nono. Cento e cinquenta e um.

Altura das letras (cm): l. 1: N = 7,5; O = 5; N = 4,5; V = 0,5; S = 0,5. L. 2: C = 8; L = 10; I = 7.

Há como que um traço no meio do sulco das letras. Os N resultam de dois movimentos da mão: primeiro, a perna da esquerda, de cima para baixo; depois as outras duas, para baixo

e para cima. O **O**, oblongo, denuncia ter sido gravado em dois movimentos, de cima para baixo. No final da l. 1, mais pequenas e quase imperceptíveis, apercebemo-nos da gravação das letras **V** e **S** uma por cima da outra, devido à falta de espaço. Na l. 2, o **C**, estreito, alonga-se em altura; **L** bem cursivo, como o seu traçado curvilíneo mostra; **I** na perpendicular, breve.

Afigura-se possível atribuir ao grafito a seguinte explicação: trata-se da nona fornada e o numeral 151 indica a quantidade de tijolos que essa fornada comportou ou que dessa fornada se contaram até ali.

Poder-se-á especular sobre a circunstância de se indicar 151 e não 150, sendo conhecida a tendência romana – que também se regista na actualidade – de se contar de 5 em 5. E a razão dessa aparente anomalia era susceptível de se relacionar com o fenómeno observado na indicação da idade dos defuntos no Norte de África, como Iiro Kajanto bem assinalou: a frequência da terminação em 1, como que para sugerir, opina aquele epigrafista, uma exactidão de facto inexistente, trata-se de uma «merely affected exactitude»¹. Seria, na verdade, um caso deveras singular esta extrapolação, passível de considerar numa zona, como é a de *Salacia*, onde a influência da África romana muito se fez sentir².

Estamos, como se sabe, em zona de muitos fornos de cerâmica, de que se refere serem, sobretudo, as ânforas os materiais aí fabricados³; contudo, o fabrico de ladrilhos constituiria também uma das formas de rendibilizar os fornos.

Aumentam, pois, as informações que, paulatinamente, se vão recebendo acerca das quantidades de peças fabricadas ou contadas já no estaleiro. Recorde-se o grafito VSQVE HIC CCC (*trecenti*), grafado num tijolo proveniente de *Eburobrittium*⁴, a dar a ideia de

¹ KAJANTO, Iiro, *On the Problem of the Average Duration of Life in the Roman Empire*, Helsinki, 1968, p. 18.

² ENCARNÇÃO, José d', «*Salacia* et l'Afrique à l'époque impériale», *L'Africa Romana*, 14, 2002, p. 1499-1505. <http://hdl.handle.net/10316/13872>.

³ Veja-se: MAYET (Françoise), SCHMITT (Anne) e SILVA (Carlos Tavares da), *Amphores du Sado (Portugal): prospecção de quatro anos e análise de materiais*. Paris: E. de Boccard, 1996. Recensão crítica de Carlos FABIÃO em *Vipasca* 6 1997 159-169.

⁴ ENCARNÇÃO (José d') e MOREIRA (José Beleza), «*Eburobrittium* e as suas

que um dos operários estava a contar as peças e que, para se não esquecer, decidiu gravar numa «até aqui são 300»! Ou, ainda, a epígrafe bastante completa exarada numa telha, achada em Alter do Chão, em que Vernáculo, operário na oficina de Castor, em Abeltério, vai anotando quantas telhas (*imbrices*) foi fazendo: 2000, 1000, 850, 800...⁵

Mais um motivo, portanto, para que se não descure a publicação de grafitos, pelas informações interessantes e quase espontâneas que nos podem fornecer.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MARISOL FERREIRA
EURICO SEPÚLVEDA



724

epígrafes singulares», *Conimbriga* XLIX 2010 41-67. <http://hdl.handle.net/10316/20147>

⁵ ANTÓNIO (Jorge) e ENCARNAÇÃO (José d'), «Grafito identifica Alter do Chão como *Abelterium*», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12/1 2009 197-200. <http://hdl.handle.net/10316/13555>.

MARCO ANEPÍGRAFO DE CARAPITO
(MOIMENTA DA BEIRA)

Identificou-se esta coluna granítica em propriedade particular, delimitando duas pequenas parcelas de terreno, na aldeia de Carapito, que pertence administrativamente à actual União das Freguesias de Pêra Velha, Aldeia de Nacomba e Ariz, do concelho de Moimenta da Beira (FOT. 1 e 2). A população local diz que se lembra deste vestígio sempre no mesmo lugar, estando antes um pouco mais próximo do arruamento que ali passa, a Rua da Lameira.

As suas dimensões são as seguintes: 1,55 m de altura (acima do solo) e 0,71/0,91 m de perímetro. O diâmetro da face superior será menor que o da base. Desconhece-se quanto estará enterrado no solo e possui uma cavidade no topo (FOT. 3), destinada a suportar algo aquando de eventual reutilização.

Não se conseguem descortinar quaisquer rasgos de letras na sua superfície, mesmo após cuidada limpeza (FOT. 4), para que, com fundamento, se lhe possa atribuir a categoria de miliário. Para além da forma, temos, porém, três razões – de valor discutível, hemos de convir – para se aventar a hipótese de poder ser atribuído a uma via romana:

1) A presunção de não ser inviável de todo a ideia de, numa via, poderem ter existido, a espaços, marcos que não seriam miliários propriamente ditos, por não indicarem as milhas, mas destinados a assinalar a estrada. Assim se têm interpretado, por exemplo, miliários anepígrafos em áreas de nevões, como a actual Suíça¹. O miliário

¹ Veja-se GEROLD WALSER, «Anepigraphie Meilenstein in der Schweiz»,

de Carapito situa-se a cerca de 880 metros de altitude, numa zona planáltica, onde, de facto, os invernos são particularmente rigorosos.

2) Na povoação de Pêra Velha existe um topónimo a que se tem atribuído origem romana: a Rua do Carril. Entende-se por «carril» o caminho que tem marcas dos rodados de carros; ora, sendo certo que, amiúde, no lajeado das vias romanas, essas marcas nitidamente se observam, não é ilícito supor que um topónimo tradicional possa denunciar a existência de uma via romana por aí.

3) Regista-se em Aldeia de Nacomba uma calçada romana. Esse, o motivo por que Jorge Alarcão pôs a hipótese de ser esse um troço da via que, de Marialva (capital dos *Aravi*), passando também por Beira Valente, se dirigia para o rio Douro, que era atravessado em Covelinhas².

Por conseguinte, havendo vestígios de uma via, mais plausível se torna a possibilidade de a coluna ter sido deslocada daí, a tão curta distância.

Haveria uma quarta razão, quiçá não muito fácil de aduzir aqui, atendendo ao tipo de material, o granito, de gravação sempre problemática. Escreve, de facto, Pierre Sillières, a propósito dos miliários ora anepígrafos, que os caracteres poderiam ter sido gravados neles com pouca profundidade, o que obrigara a pintá-los «para os tornar mais legíveis»³. E, naturalmente, com o tempo essa pintura desaparecera e os maus-tratos acabaram por fazer desaparecer os ténues sulcos existentes.

Creemos, pois, justificável a preocupação de darmos esta notícia, que, aliada a outras informações, como vimos, melhor pode ajudar a compreender a importância dos vestígios romanos nestas paragens, integráveis, nessa época, no território do *conventus Emeritensis*.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOSÉ CARLOS SANTOS

Chiron 4 1974 457-466. Agradecemos ao Doutor Vasco Mantas a confirmação desta possibilidade.

² ALARCÃO, Jorge de, «Notas de Arqueologia, epigrafia e toponímia – I», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7/1, 2004, p. 333.

³ SILLIÈRES (Pierre), *Les Voies de Communication de l'Hispanie Méridionale*, Paris, 1990, p. 52.



1



2

725

Ficheiro Epigráfico, 197 [2019]



3



4

O GRAFITO *AFRA* NUMA TAÇA DE *SALACIA*

Foi encontrado em 1994, durante os trabalhos de abertura de valas para a colocação de cabos eléctricos no caminho de acesso para a futura Pousada D. Afonso II, em Alcácer do Sal, o fundo de uma taça troncocónica com pé do tipo *Consp.* B 4.11, número de Inventário 1091, com a marca do oleiro MAHES, OCK 1087.14 (FIG. 1).

Integra o espólio do Museu da Cripta e encontra-se em exposição na vitrina dedicada à época romana.

Mede 2,8 cm de altura e a largura total seria de 5,4 cm. O diâmetro da base é de 4,2 cm.

A marca está inscrita numa cartela rectangular de vértices arredondados, limitada superiormente por uma linha de traços oblíquos e, na parte inferior, por uma palma. Corresponde-lhe uma cronologia entre 5 a.C. e 10 d.C.

O nome do oleiro, *Mahe*s, encontra-se escrito com dois nexos, ou seja, um entre o M e o A e o outro entre H e o E.

Consideramos esta marca de qualidade descuidada, o que nos parece, no entanto, ser uma característica deste oleiro, ao compará-la com outras marcas do seu reportório.

A base, pelo exterior, apresenta, num círculo com 2,1 cm de diâmetro, o grafito *AFRA*, gravado após a cozedura, o que determinou algum lascamento dos traços (FIG. 2).

Altura das letras: A = 0,5 cm; FR = 1,2 cm; A = 1 cm.

O primeiro A de perna esquerda levemente curvada e travessão horizontal. Fora do comum o nexu FR, na medida em que aproveita a haste vertical para servir o F e o R. Este é completado com singelo traço curvo a marcar a ‘barriga’ e um traço breve oblíquo para a perna. Resulta engenhoso. Do F a barra superior é mais longa que a de baixo. O segundo A é maior do que o primeiro, sendo de salientar o inusitado comprimento da haste da direita, que ultrapassa inclusive o vértice superior.

Afra é antropónimo latino, de que, no masculino (*Afer*) e no feminino, se registaram na antroponímia da Lusitânia apenas sete testemunhos¹. Segundo Kajanto, em 48 testemunhos que inventariou no conjunto do CIL, 26 se encontraram nos *corpora* II (Hispania) e XIII (Três Gálias e Germânia)².

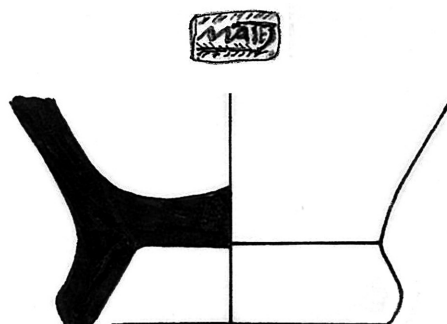
Pode, na verdade, indicar alguém natural de África, o que, no caso vertente, não seria de admirar, tendo em conta estarem bem documentadas as relações entre *Salacia* e as províncias romanas de África³.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MARISOL FERREIRA
EURICO SEPÚLVEDA

¹ NAVARRO CABALLERO, M. e RAMÍREZ SÁDABA, J. L. [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003, mapa 7, p. 76.

² KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 205.

³ ENCARNÇÃO, José d', «*Salacia* et l'Afrique à l'époque impériale», *L'Africa Romana*, 14, 2002, p. 1499-1505. <http://hdl.handle.net/10316/13872>



1



2

726